



OS ESQUEMAS X-ARI- EM PERSPECTIVA HISTÓRICA E CONSTRUCIONISTA: DO LATIM CLÁSSICO AO MEDIEVAL

X-ARI- SCHEMES IN HISTORICAL AND CONSTRUCTIONIST PERSPECTIVES: FROM CLASSICAL TO MEDIEVAL LATIN

Natival Almeida Simões Neto¹

Universidade Federal da Bahia

Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo: Este trabalho aborda a trajetória das construções *X-ari-* da língua latina, baseando-se na comparação entre registros do latim clássico (I a.C. até II d.C.) e do latim medieval (V d.C. até XIV d.C.). Como aporte descritivo-interpretativo, utiliza-se a Morfologia Construcional, de Booij (2010), modelo vinculado à Linguística Cognitiva. O foco principal é o tratamento da polissemia e, para o desenvolvimento da proposta, foram levantadas 704 construções do latim clássico, extraídas do *Dicionário Escolar Latino-Português* (FARIA, 1994) e do *Dicionário Latim-Português* (PORTO EDITORA, 2012), e 748 do latim medieval, obtidas do *Mediae Latinatis Lexicon Minus* (NIERMEIJER, 1976).

Palavras-Chave: Língua latina; Morfologia derivacional; Morfologia Construcional; Polissemia

Abstract: This paper addresses the trajectory of the Latin language *X-ari-* constructions based on comparisons between Classical Latin (I BC to AD II) and Medieval Latin (AD V to the 14th century). Booij (2010)'s *Constructional Morphology*, a model belonging to Cognitive Linguistics, is used as the descriptive-interpretative framework. The main focus is the treatment regarding polysemy. For the development of this proposal, 704 Classical Latin constructions were collected from the *Dicionário Escolar Latino-Português* (FARIA, 1994) and the *Dicionário Latim-Português* (PORTO EDITORA, 2012), as well as 748 Medieval Latin constructions from the *Mediae Latinatis Lexicon Minus* (NIERMEYER, 1976).

Keywords: Latin language; Derivational Morphology; Constructional Morphology; Polysemy

¹ Endereço eletrônico: nativalneto@gmail.com. Mestre em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. No momento, cursa o doutorado nesse mesmo programa, recebendo bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Atua, ainda, como professor temporário da Universidade Estadual de Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a trajetória das construções *X-ari-* da língua latina, baseando-se na comparação entre registros do latim clássico (I a.C. até II d.C.) e do latim medieval (V d.C. até XIV d.C.). Como aportes descritivo-interpretativos, utiliza-se a Morfologia Construcional, de Booij (2010), modelo vinculado ao arquipélago teórico da Linguística Cognitiva.

As construções *X-ari-* (*argentarius*, *operaria*, *linguarium*, *ostiarius*, *compendiaria*, *cubicularius*, *furnaria*) são bastante produtivas no latim, e formas derivadas são encontráveis em línguas românicas, como romeno, italiano, francês, catalão, castelhano, galego e português. Sobre a língua portuguesa, são desenvolvimento de *X-ari-* as construções *X-ári-* (sanitário, aquário, fraldário, secretário, planetário, notário) e as *X-eir-* (carteiro, leiteiro, cafeteira, ratoeira, banheiro, olheira).

As construções *X-eir-* são constantemente estudadas por morfólogos interessados no português. Simões Neto (2017a), em uma breve busca na Plataforma Lattes, encontra, entre teses, dissertações, artigos e capítulos de livro, doze trabalhos voltados para a descrição da derivação *X-eir-*. Desses, somente os de Marinho (2004), Viaro (2011) e Simões Neto (2016) fazem uma abordagem diacrônica, investindo em um levantamento de dados, com o intuito de mostrar que muitos comportamentos observados no sufixo do português já se verificam na sua origem latina.

Este trabalho se insere, então, na abordagem diacrônica, mas dentro do próprio latim. Para o desenvolvimento dessa proposta, foram levantadas 704 construções do latim clássico (I a.C. – II d.C.), extraídas do *Dicionário Escolar Latino-Português* (FARIA, 1994) e do *Dicionário Latim-Português* (PORTO EDITORA, 2012), e 748 do latim medieval (V d.C. – XIV d.C.), obtidas do *Midiae Latinatis Lexicon Minus* (NIERMEYER, 1976). Trata-se de um dicionário trilingue que apresenta os verbetes em latim, com as traduções das acepções para o francês e para o inglês.

É preciso deixar claro, tanto para o latim clássico quanto para o medieval, que ter uma dada quantidade de palavras coletadas não quer dizer que, ao fim da análise, haverá a mesma quantidade de significados analisados, pois há sempre palavras polissêmicas, logo com mais de um significado, e palavras não analisadas, as quais serão mencionadas ao longo do trabalho.

Feitas essas explicações iniciais, o trabalho se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, contextualiza-se a Linguística Cognitiva e introduz-se o modelo utilizado para descrever aspectos da morfologia na teoria; na seção 2, são analisados os dados do latim clássico; na seção 3, interpretam-se os dados do latim medieval. Terminadas as análises, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências.

1 O LUGAR DA MORFOLOGIA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva (LC) surge entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 e tem como marco inicial a publicação do livro *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson, em 1980². Com essa obra, os autores ajudaram a inaugurar um modelo teórico-metodológico que se opõe programaticamente à Gramática Gerativa, teoria da qual George Lakoff é um dissidente.

Na década de 1990, o Goldberg (1995) consagrou uma abordagem da gramática na LC: a Gramática de Construções. Nessa proposta, rechaça-se a dicotomia léxico-gramática e defende-se que todas as construções de uma língua devem ser analisáveis. Assim, construções como ‘O professor deu cópias do texto para os alunos’, ‘O professor deu livros para a biblioteca’, ‘Esse texto me deu sono’, ‘O prefeito deu uma festa para os aliados’ e ‘O aluno deu pesca para o colega’ são todas analisáveis como instâncias esquemáticas com o verbo ‘dar’, conectando todas essas realizações por meio de padrões formais, funcionais e semânticos, interligados por redes hierárquicas metafóricas e/ou metonímicas.

A abordagem de Goldberg (1995) tem permitido mostrar que a polissemia, fenômeno fundamental para o desenvolvimento cognitivo das línguas e o processamento da linguagem (VILELA, 1994; SOARES DA SILVA, 2006; SANTOS, 2011), também acontece na sintaxe, não sendo um fenômeno restrito ao léxico. Geert Booij, morfólogo holandês, partindo das observações de Adele Goldberg e da noção de construção como um pareamento entre forma e significado, propõe o modelo que tem sido chamado de Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; COELHO, 2013; GONÇALVES, 2016).

Na Morfologia Construcional (MC), o esquema morfológico prevê três informações fundamentais: a forma fonológica, a categoria lexical da palavra construída e a notação semântica. Quando uma dessas informações for produtiva e precisar ser especificada, os esquemas podem gerar subesquemas que são conectados por relações metafóricas e metonímicas. A Figura 1, extraída de Simões Neto (2017b), mostra uma representação esquemática das construções X_{vi}-dor do português.

² Obra traduzida no Brasil em 2002, com o título “Metáforas da vida cotidiana”.

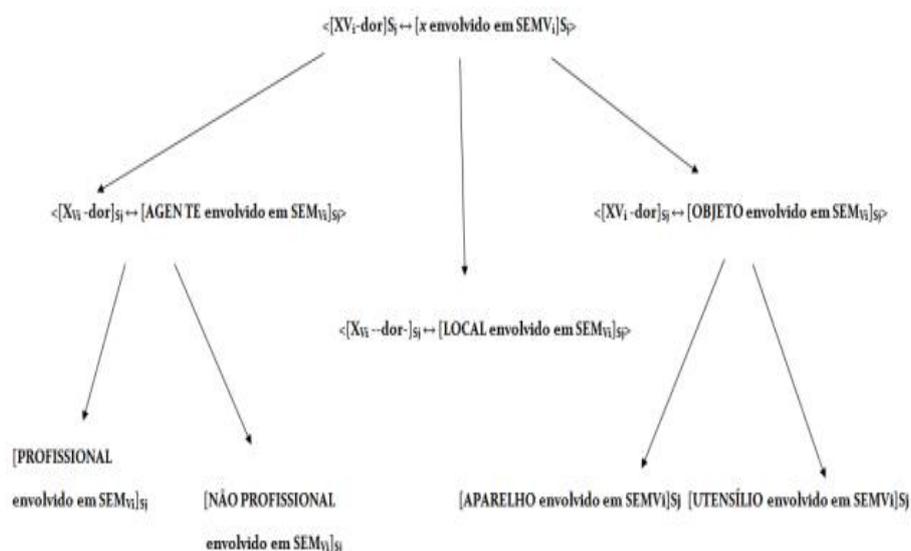


Figura 1: Representação da polissemia das construções X_{vi} -dor
(Fonte: SIMÕES NETO, 2017b, p. 470)

Na representação esquemática da Figura 1, o nó mais alto da hierarquia diz respeito a um esquema genérico de construções substantivas deverbiais X_{vi} -dor que abrange os significados dos três esquemas dominantes (AGENTE, LOCAL, OBJETO). Esse é o artifício teórico usado para mostrar que esses significados estão interligados de alguma maneira. Os esquemas dominantes AGENTE e OBJETO se especializam semanticamente e reivindicam os subesquemas PROFISSIONAL e NÃO PROFISSIONAL, no caso de AGENTE, e APARELHO e UTENSÍLIO, no de OBJETO. À medida que uma diferença semântica se tornar produtiva, essa pode e deve ser representada em (sub)esquemas.

No entendimento de Booij (2010), não só especificações de significado podem demandar novas sistematizações esquemáticas. Por exemplo, em se tratando do X_{vi} -dor, as construções adjetivas devem ser representadas em outro esquema, mesmo que os significados se relacionem com os das construções substantivas. Da mesma maneira, palavras formadas com alomorfes *-tor* (auditor, diretor) e *-or* (professor, doutor) devem ser entendidas como instanciações de esquemas diferentes, ignorando a relação histórica da alomorfia desses formativos.

A proposta de Booij (2010), assim como a de Goldberg (1995), tem ressaltado que a polissemia não se restringe ao léxico. No que toca à polissemia na morfologia, a MC defende que a polissemia não diz respeito a um formativo específico, mas a um conjunto de palavras que reúnem características formais, funcionais e semânticas em torno desse elemento. O projeto da MC, ainda que apresente problemas para lidar com algumas propriedades individuais das línguas, tem se mostrado um modelo oportuno para quem se interessa em reforçar a interface entre morfologia e semântica.

2 AS CONSTRUÇÕES X-ARI- NO PERÍODO CLÁSSICO: O QUE DIZEM OS DADOS?

A história do sufixo latino *-arius/-aria/-arium* está associada a pelo menos, dois outros formativos da língua, o *-aris* e o *-alis*. Esse fato é observado por White (1858), interessado pela etimologia e pela morfologia histórica do latim. No texto do autor acerca do desenvolvimento histórico do sufixo latino *-aris*, são vistas as seguintes informações:

[o] sufixo primário é *ri*, sendo o nominativo o caso marcado: *lis* é obtido de *ris*, substituindo uma consoante líquida por outra, (*l* para *r*); *rius* é obtido pela inserção do *u* após o *i* em *ris*: todas as outras partes dos sufixos acima são vogais de ligação ou aumentos do sufixo primário. Esses sufixos em que *l* ocorrem são usados principalmente quando a base não tem *l*, se contiver *l*, então *r* substitui: assim, *vita*, *vitalis*; mas, *palma*, *palmaris*. No entanto, quando *l* na base é seguido imediatamente por uma vogal, o *l* é usado no sufixo: assim, *letum*, *letalis*; *fluvius*, *fluvialis* e *fluviatilis*, *pluvia*, *pluvialis*. No sufixo *rius*, o *r* é usado, se *l* o precedeu ou não - como *militarius*, *ancorarius* (WHITE, 1858, p. 66, tradução nossa)³.

Com base no excerto de White (1858), pode-se entender que os correspondentes latinos aos sufixos portugueses *-ar*, *-ário* e *-al* têm uma origem comum. A respeito disso, Viaro (2011) comenta que,

[p]rovavelmente, o sufixo *-arius* faz parte da mesma complexa rede sufixal que gerou *-aris*, uma vez que encontramos – paralelamente a uma arcaica *coquinaris* – a clássica *coquinarius*, mas essas relações nem sempre são claras e, muitas vezes, formas com *-arius/alum* ocorrem posteriormente a formas em *-ar/-al* (VIARO, 2011, p. 127).

Conhecida a origem do sufixo *-ari-*, é possível aventar que a sua gênese, do ponto de vista cognitivo, envolve o fenômeno *chunking*, visto por meio de Bybee (2016 [2010]). No entendimento dessa autora,

[a] principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição. Se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma. É uma propriedade tanto da produção quanto da percepção e contribui significativamente para a fluência e a desenvoltura nas duas modalidades. Quanto

³ Versão original: “[t]he primary suffix is “ri”, being the nominative case-ending: “lis” is obtained from “ris”, by substituting one liquid for another, viz. “l” for “r”: “rius” is obtained by inserting “u” after “i” in “ris”: all other parts of the above suffixes are either connecting vowels or augmentations of the Primary Suffix. Those suffixes in which “l” occurs are mostly used when the Base has no “l” in it; if it contains “l”, then “r” is mostly substituted: thus, “vita”, “vitalis”; but, “palma”, “palmaris”. Yet, when “l” in the base is followed immediately by a vowel, the “l” is used in the suffix: thus, “letum”, “letalis”; “fluvius”, “fluvialis”, and “fluviatilis”; “pluvia”, “pluvialis”. In the suffix “rius”, the “r” is used whether “l” has preceded it or not - as, “militarius”, “ancorarius” (WHITE, 1858, p. 66).

mais a sequência puder ser acessada junta, tanto mais fluente a execução, e a compreensão ocorrerá mais facilmente (BYBEE, 2016, p. 65).

O *chunk*, segundo Newell (2010, apud BYBEE, 2016) deve ser entendido como um item de organização mnemônica que participa de todos os sistemas cognitivos. O *chunking* é o processo de elaboração de *chunks* mais complexos, a partir de *chunks* mais simples.

Em se tratando de formativos, é possível considerar que a fixação do sufixo *-dor* tenha se dado por um *chunking* entre o a forma *-or* e o afixo participial *-d-*. O fato de o sufixo *-or* atuar frequentemente sobre bases participiais regulares deve ter contribuído para que o falante do português chegasse ao sufixo *-dor*, sem que, hoje, para formar palavras *X-dor*, precise passar por uma etapa participial.

No que toca ao sufixo *-ari-*, se assumidas as sugestões de White (1858) de que a sua forma inicial é o sufixo *-ri* e que o */a/* atua como uma vogal de ligação⁴, pode-se supor que a frequência da realização conjunta desses elementos (*chunks*) permitiu que os falantes da língua latina identificassem o *-ari-* como um único *chunk*. As terminações em *-us*, *-a* e *-um*, que introduzem as informações morfológicas de declinação e caso, provavelmente, atuaram no *chunking*, para que se chegasse aos formativos *-ārius*, *-aria* e *-arium*.

Viaro (2010), analisando o desenvolvimento histórico-etimológico do supracitado sufixo, sugere que tenha havido uma *poligênese*, pois são vários os processos de transmissão de palavras derivadas que convergiram para a mesma configuração formal *-arium* no latim vulgar. Com base em um levantamento de palavras realizado no *Dictionnaire latin-français*, de Gaffiot (1934), Viaro (2010, p. 27-28) lista, pelo menos, sete processos de transmissão que, de alguma forma, impactar na polissemia do sufixo:

- (a) *-ar, -are; -al, -ale > -arium*
- (b) *-ἄριον > -arium*
- (c) *-arius → -arium*
- (d) *-aria → -arium*
- (e) *-orium → -arium*
- (f) *-ἄρος > -*arus → -arium*
- (g) *-ἀρεία > -*aria → -arium*

(VIARO, 2010, p. 27-28, grifos do autor)

Sobre a transmissão em (a), *-ar, -are; -al, -ale > -arium*, o autor observa casos de palavras *X-arium* advindas das formações *X-ar(e)* e *X-al(e)*, fato que pode ser 'comprovado' pela constatação de *doublets* morfológicos entre os sufixos. Nos

⁴ Vogais de ligação, bem como consoantes de ligação, são inserções fonológicas na estruturação interna das palavras, geralmente entre morfemas, para acomodar melhor a articulação, sem que se afete a semântica das palavras. Quase sempre, têm caráter estritamente eufônico.

dados analisados por Viaro (2010), sete derivados em *-arium* advêm de *-ar* (*pulvinarium, lacunarium, gemellarium, lupanarium, boletarium, laquearium, ansarium*), dois de *-are* (*collarium, altarium*) e mais dois de *-ale* (*multrarium, ponderarium*). Segundo o autor, “o motivo da convergência sufixal entre esses sufixos e *-arium* é obscura e merece um estudo futuro mais aprofundado. Podem envolver inclusive erros de copistas. A distribuição e a pequena ocorrência não facilitam a compreensão do fenômeno” (VIARO, 2010, p. 28, grifos do autor).

Em relação ao processo em (b), *-άριον> -arium*, Viaro (2010) explica que houve uma assimilação semântica motivada pela semelhança entre o sufixo latino e o sufixo grego. Essa ‘confusão’ contribuiu para o desenvolvimento de um significado particular dos derivados latinos, a saber, o de ‘conjunto de X’. Isso, segundo o autor, pode se ver na transmissão/transliteração do grego *γλωσσάριον* para o latim *glos(s)arium*.

No que toca à transmissão em (c), *-arius → -arium*, Viaro (2010) mostra que esses foram os casos de palavras em *-arius* que apresentavam correspondentes formais e semânticos em *-arium*. Essa coexistência pode ter contribuído significativamente para a mudança do gênero morfológico. O autor aponta o caso de *commentarium* e *commentarius*, que são dados como sinônimos por Cícero. Nota-se, nesse contexto, que a maioria dos casos é de palavras excepcionais que se configuram morfológicamente em *-arius*, mas se referem a coisas ou outros elementos não animados. O autor sugere que essas formas duplas podem ser analisadas como “casos de erros à luz da ecdótica” (VIARO, 2010, p. 28). Viaro (2010) ainda comenta

o fato de que a forma masculina *apiarius* é o apicultor enquanto o neutro *apiarium* é a colmeia, mostrando uma relação ainda visível entre o elemento animado e o masculino. As formas neutras em *-arium* dessa forma, jamais indicam agentes, como ocorre com as formas masculinas em *-arius* (VIARO, 2010, p. 28, grifos do autor).

Os casos em (d), *-aria → -arium*, são, segundo Viaro (2010), mudanças ou mesmo lapsos nas categorias de gênero ou de número. Isso é dizer que “uma forma feminina singular terminada em *-a* podia ser interpretada como neutra plural em *-a* (produzindo, assim, uma idéia coletiva) e gerar um substantivo neutro em *-um* no singular” (VIARO, 2010, p. 28, grifos do autor). Esses casos são bastante parecidos com o (c), no sentido de haver uma tendência de as formas neutras, que dizem respeito a elementos não animados e não humanos, serem expressas em terminações em *-um*. Diante disso, pode-se tomar o par de formas exemplificado pelo autor *arenaria* e *arenarium*. Diante da coexistência das formas e da tendência de as derivações em *-arium* suplantarem as em *-aria* nesse contexto, o autor comenta que “a crescente força substantivadora de *-arium* (maior do que a de *-aria*) também auxilia os câmbios de gênero” (VIARO, 2010, p. 28, grifos do autor).

Em (e), *-orium* → *-arium*, Viaro (2010) observa que, mesmo sendo rara a oscilação no uso dos sufixos, há casos de derivados locativos em *-arium* que advêm de formas em *-orium*, sufixo de diferente origem. Um dos poucos exemplos encontrados pelo autor é o par *unctorium/ unctuarium*.

Os processos de transmissão em (f) e (g), por fim, são casos raros de palavras sobre as quais o autor sinaliza uma coincidência formal, pois são palavras terminadas em *-arium*, mas opta por excluir, pois do ponto da gênese morfossemântica e etimológica não são reais derivados em *-arium*. Em relação a (f), *-ἄροϋς* > *-*arus* → *-arium*, o autor comenta a situação em que “a terminação *-ἄροϋς* tornada neutra (*siparum*) convergiu para uma forma *siparium*”. Sobre (g), *-ἀρείᾱ* > *-aria* → *-arium*, o autor cita o caso em que “uma forma em *-ἀρείᾱ*, a saber, *αγγαρείᾱ*, foi importada e entendida como *-aria* feminino (*angaria*) ou como plural, donde se deduziu um *-arium* singular (*angarium*)” (VIARO, 2010, p. 28, grifos do autor).

Em relação aos aspectos semânticos e funcionais das construções X-ari-, Marinho (2004), Viaro (2010, 2011) e Simões Neto (2016, 2017a) destacam o seu emprego original como um formador de adjetivos a partir de substantivos, sempre com um significado de ‘relacionado a’. Os autores explicam que, de início, eram facilmente encontradas estruturas sintagmáticas como *faber ferrārius* e *servus coquinārius*. Esses sintagmas combinavam sempre um substantivo genérico (*faber* e *servus*), com o significado de artesão, operário, servo ou escravo, e um adjetivo X-arius, que se encarregava de atribuir alguma especificidade. Assim, o *faber ferrārius* era o artesão que trabalhava com o ferro, e o *servus coquinārius* era o servo que trabalhava na cozinha. A elisão do elemento de caráter mais genérico fez com que os inicialmente adjetivos em *-ārius* integrassem esse significado e assumissem uma nova possibilidade semântica, a de designar os agentes profissionais. Essa teria sido a primeira extensão que se verificou na história dessas construções.

Nos dados levantados, sobre o esquema QUALIDADE, que diz respeito às entradas adjetivas, 301 construções foram classificadas como tal. Nota-se também a existência de qualidades que não parecem meramente *relativas*, não nos termos que os morfólogos tendem a considerar. Esses casos foram classificados como ‘qualidades ressaltadas’.

O subesquema QUALIDADE RELATIVA tem 283 instâncias. Exemplos são *argentārius* (relativo à prata), *aquārius* (relativo à água), *auxiliārius* (relativo a socorro, auxílio), *coronārius* (em forma de coroa), *ferrārius* (de ferro, relativo ao ferro), *fructuārius* (relativo aos frutos), *frumentārius* (relativo aos cereais, trigo), *graphiārius* (relativo aos estiletos), *judiciārius* (relativo à justiça), *victuārius* (relativo à alimentação), *stercorārius* (relativo ao estrume ou aos excrementos), *parietārius* (de parede) e *ostiārius* (relativo às portas).

O subesquema QUALIDADE RESSALTADA tem 18 realizações, entre as quais estão *refractārius* (rebelde), *ridiculārius* (bobo), *sanguinārius* (sanguinário) e

singulārīus (isolado), *patinārīus* (glutão, comilão), *perpetuārīus* (que não cessa, que está sempre em ação), *sedentārīus* (sedentário) e *tumultuārīus* (feito à pressa e desordenadamente; desordenado, confuso).

Em termos de representação esquemática, pode-se assumir que a Figura 2 dá conta de explicar as construções adjetivas X-ari- do latim clássico.

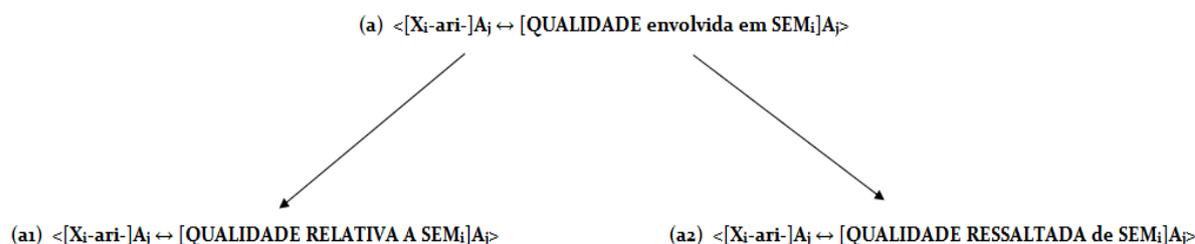


Figura 2: Esquema dominante de QUALIDADE e os seus subesquemas no latim clássico (Fonte: Elaboração do autor)

Nas formações substantivas, o primeiro grupo de afinidade semântica, seguindo o fluxo histórico, é o de AGENTE. Dentro desse esquema, há cinco subesquemas: (i) PROFISSIONAL; (ii) HABITUAL; (iii) CIRCUNSTANCIAL; (iv) BENEFICIÁRIO; (v) EXPERIENCIADOR. Uma vez que se apresentam essas subespecificações, cabe explicar o que caracteriza cada uma delas e permite a diferenciação das outras. Para isso, utiliza-se o Quadro 1.

Subcategorias de 'agente'	Comentários
Profissionais	Em geral, dizem respeito a profissões, cargos e funções que demandem esforço físico e/ou cognitivo, podendo ter uma remuneração por isso.
Habituais	Caracterizam-se pela frequência ou hábito de uma ação. Geralmente, essas ações têm um aspecto mais duradouro, iterativo, não raramente um aspecto social negativo.
Circunstanciais	Esse grupo não apresenta um traço de frequência, no que se diferenciam dos habituais. Suas ações se caracterizam por uma circunstância/evento. O aspecto tende a ser mais pontual.
Beneficiários ⁵	São sujeitos que se caracterizam por serem alvo/paciente de uma determinada cena.
Experenciadores ⁶	São sujeitos que se caracterizam como as fontes psicológicas ou físicas de dadas experiências.

Quadro 1: Subcategorias de agente no latim clássico (Do autor)

⁵ Esse grupo não envolve agentes prototípicos, pois esses não fazem uma ação deliberadamente. Porém, ao se tratar, quase sempre, de sujeitos, parece mais cômodo abordá-los como uma especificidade do agente, ao invés de se estabelecer outro esquema dominante, que seria pouco produtivo, tanto na língua latina como nas línguas românicas.

⁶ O mesmo que foi dito dos beneficiários, sobre não serem agentes prototípicos, vale para os experenciadores.

Em termos quantitativos, das 502 construções substantivas analisadas, 248 dizem respeito a agentes. Entre esses, a distribuição se deu como está registrado na Tabela 1.

Categoria de agente	Quantidade	Percentual (%)
Profissional	201	81
Habitual	31	12,5
Circunstancial	11	4,4
Beneficiário	4	1,6
Experenciador	1	0,4

Tabela 1: Distribuição percentual dos subesquemas de agente no latim clássico (Do autor)

O agente profissional continua sendo o grupo de maior frequência. Alguns exemplos são *albārius* (estucador), *amicārius* (traficante de escravos), *biberārius* (negociante de bebidas), *botulārius* (salsicheiro), *corōnārius* (aquele que faz ou vende coroas), *gallinārius* (criador de galinhas), *medicamentārius* (farmacêutico), *portārius* (: porteiro) e *strophīārius* (fabricante de estrófios – faixa que segurava o seio das mulheres).

O grupo dos habituais traz instanciacões, como *admissārius* (garanhão), *antiquāria* (mulher que gosta de antiguidades), *auriculārius* (confidente), *bustuāriūm*⁷ (ladrão de túmulos), *carnārius* (grande comedor de carne), *consillārius* (conselheiro), *glabāria* (mulher que gosta de escravos imberbes), *micārius* (homem que vive de migalhas), *mulierārius* (mulherengo), *puellārius* (que ama os jovens), *testamentārius* (aquele que altera testamentos).

Em relação ao subesquema circunstancial, entre os exemplos, há *adversāria* (adversária), *carcerārius* (prisioneiro), *cruciārius* (um crucificado), *mercedārius* (aquele que dá um salário), *pulmōnārius* (doente dos pulmões), *valetudinārius* (doente), *verbenārius* (aquele que leva um ramo sagrado) e *vicārius* (substituto).

O grupo dos beneficiários apresenta *fructuārius* (usufrutuário), *lĕgātārius* (aquele a quem se faz um legado), *beneficiārius* (soldado que deve a sua promoção a alguma pessoa) e *duplicārius* (duplicário, soldado que tem soldo dobrado). Entre os experenciadores, há somente *abecedarī* (os que aprenderam o alfabeto)

A fim de sumarizar o esquema e os subesquemas de agente no latim clássico, propõe-se a representação na Figura 3.

⁷ Segundo o dicionário da Porto Editora (2012), essa é uma palavra forjada por Plauto.

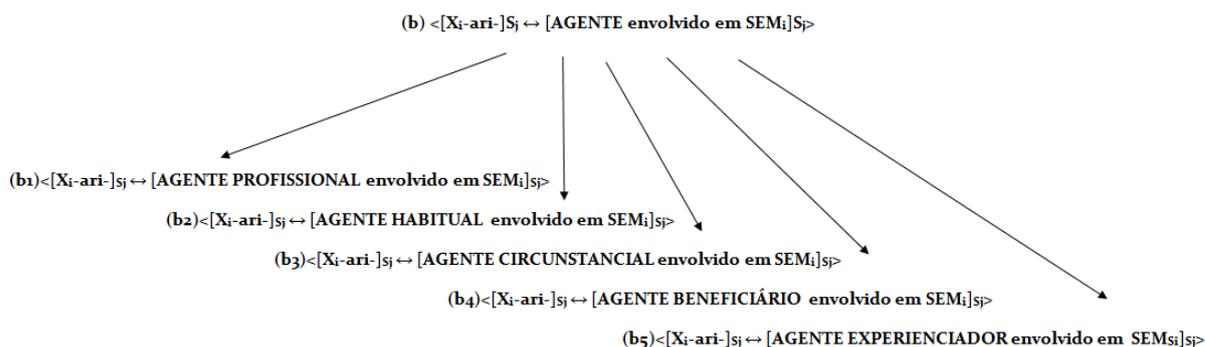


Figura 3: Esquema dominante de AGENTE e os seus subesquemas no latim clássico
(Fonte: Elaboração do autor)

Em termos de frequência, o esquema LOCATIVO é o mais produtivo depois dos agentes. Divide-se em dois subgrupos: o de LUGAR ONDE HÁ e o de LUGAR ONDE SE FAZ, como se pode ver na Figura 4.

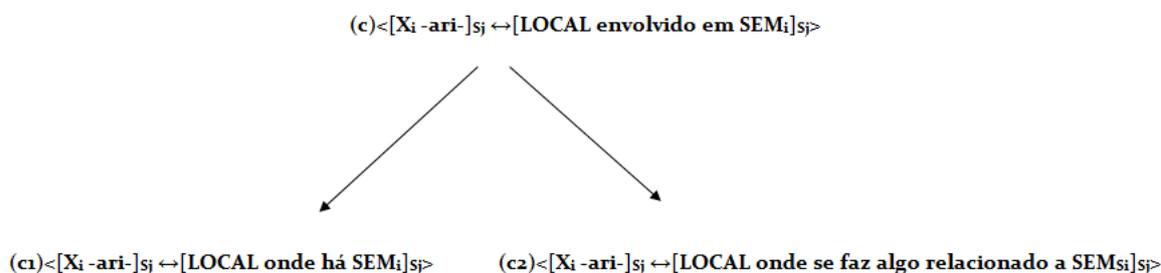


Figura 4: Esquema dominante de LOCAL e os seus subesquemas
(Fonte: Elaboração do autor)

Para que fique claro aonde se quer chegar com essa divisão, tomem-se como exemplos as palavras do português *galinheiro* e *banheiro*. Pode-se definir *galinheiro* como um lugar onde há grande quantidade de *galinhas*. Porém, a paráfrase de que o *banheiro* é um lugar onde há *banho* não parece boa. Seria mais adequado dizer que o banheiro é um lugar onde se pratica ou faz a ação de tomar banho. É uma diferença sensível, na medida em que se pode conceber que esses dois subesquemas estão relacionados de alguma maneira.

Essa diferença na categorização de lugares é também verificável no latim. O subesquema LOCAL ONDE HÁ apresentou 58 instanciações. Alguns exemplos são *aerāria* (mina de cobre), *alvārĭum* (cortiço de abelhas), *cucumerārĭum* (pepinal), *donārĭum* (lugar do templo onde se depositavam as oferendas), *ficāria* (figueiral), *librāria* (livraria), *muscārĭum* (mosqueiro), *plantārĭum* (viveiro de plantas). O subesquema LOCAL ONDE SE FAZ apresentou 18 realizações, por sua vez. Alguns exemplos são *compendiāria* (via mais curta), *custōdiārĭum* (guarita), *fumārĭum* (lugar onde se expõem as coisas ao fumo), *furnāria* (padaria), *nubilārĭum* (alpendre) e *sagīnārĭum* (lugar de engorda).

O esquema dominante OBJETO têm 35 instanciações, que se dividem em (i) RECIPIENTE; (ii) UTENSÍLIO; (iii) MÁQUINA; (iv) OBJETO DE USO PESSOAL e (v)

INSTRUMENTO. As nuances semânticas de cada uma dessas subcategorias estão no Quadro 2, a seguir.

Subcategorias de 'objeto	Comentários
Recipientes	Objetos que têm como principal função conter algo.
Instrumentos	Objetos que não têm a função de conter algo, mas que servem para executar alguma atividade.
Objetos de uso pessoal	Objetos que não têm uma funcionalidade pragmática e são de uso individual. Como exemplos, há peças de roupa, joias e acessórios.
Utensílios	Objetos que não têm uma funcionalidade pragmática, não são de uso individual, mas podem ser úteis no cotidiano.
Máquinas	Qualquer tipo de equipamento (em) que (se) emprega força mecânica.

Quadro 2: Subcategorias de objeto no latim clássico (Do autor)

O subesquema RECIPIENTE é o mais produtivo desse grupo, com 15 instanciações. Alguns exemplos são *ātrāmentārium* (tinteiro), *caldāria* (caldeira, estufa), *cētārium* (aquário), *chrismārium* (vaso com relíquias), *defrutārium* (caldeirão onde se cozia vinho novo), *gemellārium* (recipiente para azeite formado por duas galhetas), *graphiārium* (estojo para guardar estiletos), *vestiārium* (guarda-roupa) e *vīnārium* (vasilha para vinho).

O subesquema UTENSÍLIO tem 8 dados instanciados. Alguns exemplos são *calendārium* (livro de contas), *commentārium* (livro de notas ou apontamentos), *dēnārius* (denário, moeda, dinheiro), *pulvīnārium* (almofada), *sipārium* (cortina colocada no tribunal, para proteger do sol) e *urnārium* (mesa em que se colocavam os vasos para água).

Em termos de quantidade, o subesquema OBJETO DE USO PESSOAL é o terceiro, com 5 instanciações. São elas: *collārium* (coleira), *corollārium* (pequena coroa), *draconārium* (colar ou coroa em forma de serpente), *lēvitōnārium* (levitonário - vestido sem mangas usado por monges) e *ōrārium* (pano para limpar o rosto). Os subesquemas INSTRUMENTO e MÁQUINA tiveram, respectivamente, 3 e 4 instanciações. Foram classificados como instrumentos *carnārium* (gancho para suspender a carne), *muscārium* (enxota-moscas) e *rustāria* (sacho). Quanto às máquinas, foram encontrados os seguintes dados: *actuāria* (navio ligeiro), *automatārium* (autômato), *ballistārium* (balista) e *onerāria* (navio cargueiro).

Com o intuito de sumarizar o esquema dominante OBJETO, propõe-se a representação na Figura 5.

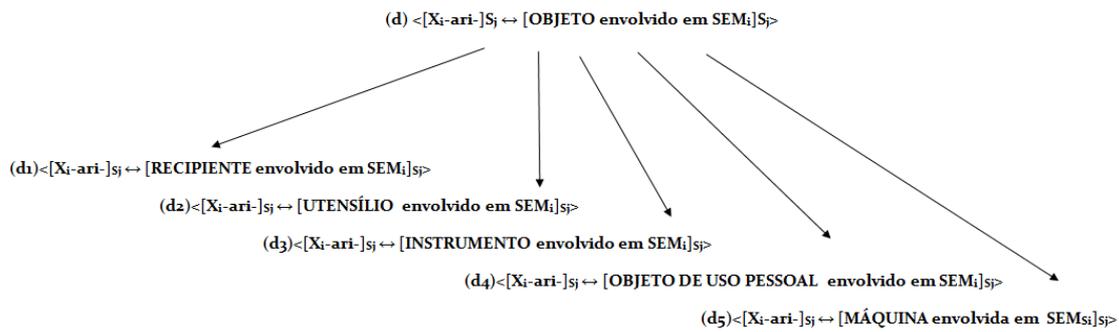


Figura 5: Esquema dominante OBJETO e os seus subesquemas no latim clássico
(Fonte: Elaboração do autor)

O quinto grupo de afinidade semântica identificado no latim clássico foi o de QUANTIDADE, com 38 instanciações. Esse esquema, diga-se de passagem, bastante heterogêneo tem três subesquemas UNIDADE DE MEDIDA, QUANTIA e COLETIVO. A representação esquemática desse grupo está na Figura 6.

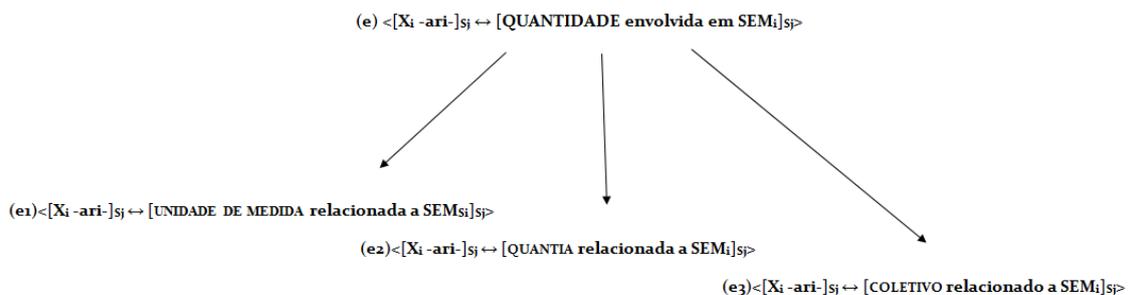


Figura 6: Esquema dominante de QUANTIDADE e os seus subesquemas no latim clássico
(Fonte: Elaboração do autor)

O subesquema UNIDADE DE MEDIDA teve 7 instanciações e reúne designações para sistema de medidas ou elementos, como moedas, pedras ou quaisquer outros elementos que tenham uma medida exata, podendo servir de unidade de referência. Alguns exemplos são *dipondiārius* (dupôndio – moeda do valor de dois asses), *hemināriūm* (presente do conteúdo de uma hemina), *milliārīum* (pedra ou marco milionário), *quārtārīus* (um quarto, uma quarta parte), *quīnārīus* (moeda do valor de cinco asses) e *tertiārīum* (um terço).

No subesquema QUANTIA, estão 12 instanciações que designam taxas, impostos, multas, gratificações, pagamentos, tributos e afins. Alguns exemplos são *angārīa* (imposto de transporte), *calceārīum* (dinheiro para calçado dado aos soldados), *cerārīum* (imposto para cera), *clavārīum* (gratificação dada aos soldados para as tachas dos sapatos), *columnārīum* (imposto lançado sobre as colunas de uma casa), *lēgātārīus* (imposto a um legatário), *linguārīum* (multa por ter falado demais), *ostiārīum* (imposto sobre as portas) e *salārīum* (quantia paga aos soldados para comprarem o sal).

O subesquema COLETIVO, o último do esquema dominante QUANTIDADE, tem 19 (dezenove) instanciações e abrange designações que trazem consigo as noções de conjunto ou de reunião de elementos de uma mesma ou de diferentes categorias. Alguns exemplos são *acētārīa* (legumes temperados com vinagre, salada), *aerārīum* (erário, tesouro público), *bellārīa* (guloseimas), *bellārīum* (material de guerra, tudo o que serve para a guerra), *eclogārīum* (coletânea de peças literárias), *ovīarīa* (rebanho), *speculārīa* (vidros, vidraças de uma janela) e *subsidiārī* (tropa de reserva).

O último esquema dominante visto no latim clássico foi o de ANOMALIA. Esse esquema reúne doenças, estados ou condições anômalas. Só foi registrada uma instanciação: *cæpārīa* (tumor na virilha). Para esse significado, pode-se considerar o seguinte esquema na Figura 7.

(f) <[X_i-ari-]s_j ↔ [ANOMALIA relacionada a SEM_i]s_j>

Figura 7: Esquema dominante de ANOMALIA no latim clássico
(Fonte: Elaboração do autor)

Com o intuito de resumir a nova proposta de análise, há, na Figura 8, uma representação esquemática, onde se veem todos os esquemas e subesquemas. Entre parênteses e de cor vermelha, estão as quantidades de instanciações. Note-se que o esquema geral abstrato tem como produto categorial um nome (N), ou seja, uma arquicategoria que abrange substantivos (S) e adjetivos (A). A especificação do produto categorial só vai acontecer nos esquemas dominantes (QUALIDADE, AGENTE, OBJETO, etc).

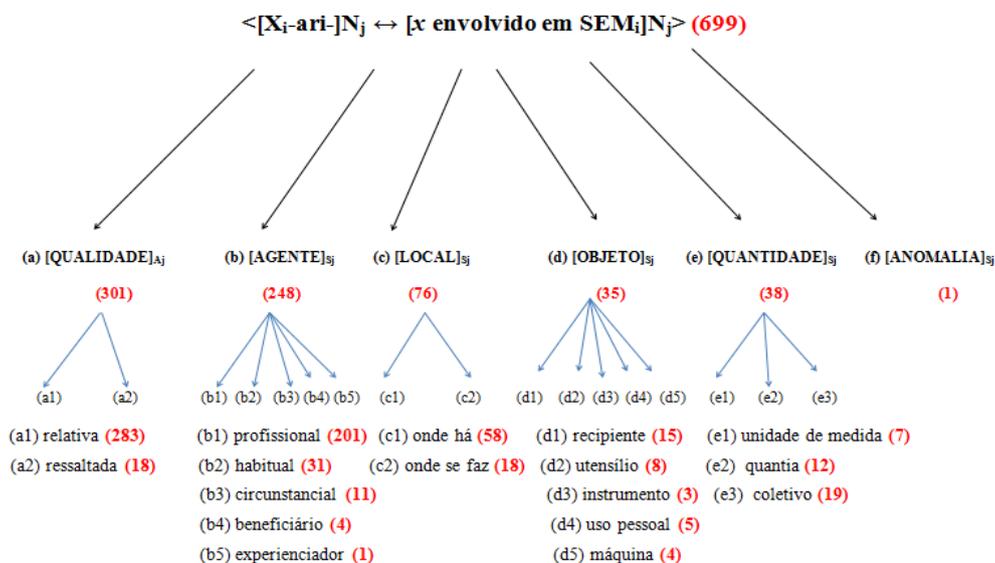


Figura 8: Representação esquemática das construções X-ari- no latim clássico
(Fonte: Elaboração do autor)

Houve, entre os dados, casos que não pareceram se adequar a nenhum dos esquemas ou subesquemas propostos, como: *breviārīum* (resumo, sumário),

calvāria (crânio), *cibārium* (alimentação, farinha grosseira), *contrārium* (o contrário, o inverso), *cruciarium* (crucifixão), *decimāria* (decisão a fixar o dízimo), *dromedārius* (dromedário), *fustuārium* (suplício aplicado com bastão, bastonada).

3 AS CONSTRUÇÕES X-ARI- NO LATIM MEDIEVAL: O QUE DIZEM OS DADOS?

Entre as construções X-ari- do latim medieval, 76 são instanciações de QUALIDADE. Dessas, 63 são de QUALIDADE RELATIVA e 13 de QUALIDADE RESSALTADA. No grupo das qualidades relativas, estão *ancillarius* (relativo a um empregado ou a uma empregada), *balistarius* (relativo às armas de disparo), *bladiarius* (relativo ao trigo), *braciarius* (relativo à cerveja), *candelarius* (relativo às velas), *forestarius* (relativo à campanha em oposição às cidades), *gemmarius* (relativo às pedras preciosas), *immunitarius* (relativo ao privilégio de imunidade). Entre as qualidades ressaltadas, estão *placentarius* (bobo), *plenarius* (completo), *puerarius* (juvenil), *seditionarius* (rebelde), *valetudinarius* (mórbido) e *walcarius* (mais completo).

Em termos de representação esquemática, não há, para o grupo semântico de QUALIDADE, a necessidade de uma nova representação esquemática que seja diferente da Figura 2, referente ao latim clássico, pois o esquema e os subesquemas são os mesmos. Isso é diferente do que acontece com o esquema AGENTE. No latim clássico, esse esquema apresentou cinco subesquemas: PROFISSIONAL, HABITUAL, CIRCUNSTANCIAL, BENEFICIÁRIO E EXPERIENCIADOR. No latim medieval, observa-se mais um subesquema: o VEGETAL.

A respeito da ideia de AGENTE VEGETAL, essa nomenclatura foi vista em Coelho (2013) e Simões Neto (2016). Os autores consideram a agentividade das árvores, dada à capacidade de produzirem flores e frutos ou terem alguma funcionalidade específica.

Em termos quantitativos, o esquema AGENTE apresenta 377 instanciações, sendo mais de 300 referentes aos profissionais. A frequência de todos os subesquemas desse grupo semântico está registrada na Tabela 2.

Categoria de agente	Quantidade	Percentual (%)
Profissional	309	82
Habitual	33	8,75
Circunstancial	16	4,24
Beneficiário	6	1,6
Experienciador	3	0,8
Vegetal	10	2,7

Tabela 2: Distribuição percentual dos subesquemas de agente no latim medieval
(Fonte: Elaboração do autor)

Sobre a Tabela 2, é interessante observar que ela apresenta uma distribuição percentual bastante similar à da Tabela 1, mesmo com um novo subesquema detectado. As profissões continuam sendo mais de 80 por cento do total. Nesse subgrupo *PROFISSIONAL*, estão *advocarius* (advogado), *bancarius* (tesoureiro de uma universidade), *caballarius* (servo encarregado de serviços de transporte de correio ou cavalo), *dotarius* (servo que faz parte do quadro de trabalhadores de uma igreja), *exactionarius* (cobrador de impostos), *fornicaria* (prostituta), *gardinarius* (jardineiro), *hospitalarius* (guardião do hospital do mosteiro) e *januarius* (porteiro) etc.

Nos habituais, aparecem *credendarius* (confidente), *eleemosynarius* (aquele que dá esmolas), *fornicarius* (adúltero, viciado na devassidão), *herbaria* (bruxa envenenadora), *indulgentiarius* (vendedor de indulgências), *librarius* (estudioso), *quaestuarius* (pedinte de esmolas), *solitarius* (eremita), *somniarius* (leitor de sonhos), *sortiarius* (feiticeiro) e *tempestarius* (aquele que prevê o tempo).

Entre os circunstanciais, estão *auctionarius* (devedor), *carenarius* (pessoa condenada a uma penitência de jejum), *gravatarius* (aquele que é batizado quando está em risco de morrer), *hebdomadaria* (freira de plantão durante a semana) e *stagiarius* (inquilino). Como beneficiários, apareceram *burgarius* (burguês), *concupinarius* (alguém que tem um professor), *feodatus* (que tem um feudo), *hereditarius* (que recebe herança) e *libellarius* (alforriado por meio de uma carta). Entre os experienciadores, aparecem *abecedarius* (criança que está aprendendo alfabeto), *propinquarius* (parente) e *secundarius* (rei casado).

No que toca aos vegetais, novidade no latim medieval, os oito exemplos encontrados são: *ceresarius* (cerejeira), *mespilarius* (nespereira), *morarius* (amoreira), *nucarius* (nogueira), *nuclearius* (nogueira), *olivoarius* (oliveira), *palmarius* (palmeira), *persicarius* (pessegueiro), *pirarius* (pereira) e *pomarius* (macieira).

Uma vez que se detectou a existência de agentes vegetais, a representação esquemática dos agentes *X-ari-* no latim medieval precisa ser diferente da Figura 3. Por isso, para essas novas construções, a representação está na Figura 9.

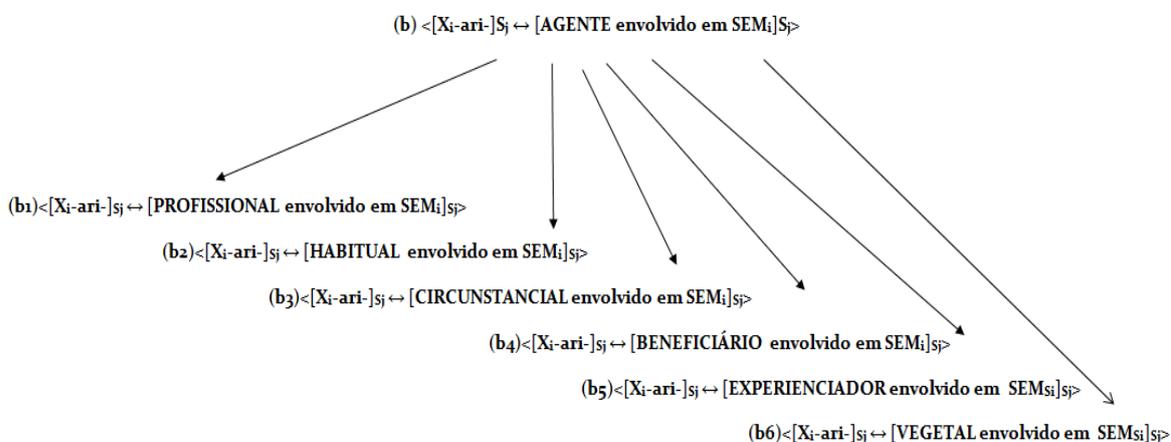


Figura 9: Esquema dominante de AGENTE e os seus subesquemas no latim medieval (Do autor)

O terceiro grupo a ser analisado é o LOCATIVO. Novamente, não há qualquer diferença entre os subesquemas do latim clássico e do latim medieval. Foram computadas 88 construções que se referem a lugares. Dessas, 66 se referiram a lugares com características de recipiente e/ou função de armazenamento, e 22 se referiram a lugares de aspectos mais genéricos onde são realizadas certas atividades.

Entre as instanciações do subesquema LUGAR ONDE HÁ, estão: *argentaria* (mina de prata), *beccaria* (açougue), *buscarium* (terra arborizada), *carbonaria* (carvoaria), *carnarium* (cemitério), *cellarium* (armazém), *eremitarium* (eremitério), *frascarium* (terra coberta de matagal), *granarium* (celeiro), *humularium* (campo de lúpulos), *judearia* (bairro de judeus), *minarium* (fragmento de terra onde há minerais), *nucaria* (pomar de nozes) e *pisaria* (campo de ervilhas).

Para o que se esquema, LUGAR ONDE SE FAZ, encontram-se albergaria (acampamento do exército), *ararius* (campo arável), *arengaria* (lugar de reuniões públicas), *docarium* (empresa de carpintaria), *furnarium* (padaria), *lavandarium* (lavanderia), *panetaria* (padaria), *sacrarium* (igreja, lugar sagrado) e *secretarium* (sala de reuniões onde são proferidas as sentenças).

Assim como o esquema LOCATIVO, o esquema dominante OBJETO trouxe 55 realizações, não apresentando subesquema novo, como se pode ver na Tabela 3.

Categoria de objeto	Quantidade	Percentual (%)
Recipiente	13	23,5
Utensílio	25	45,5
Instrumento	10	18,2
Uso pessoal	4	7,3
Máquina	3	5,5

Tabela 3: Distribuição percentual dos subesquemas de objeto no latim medieval (Do autor)

O subesquema RECIPIENTE instanciou construções como *aquarius* (vaso de água), *caldaria* (caldeira), *concavarium* (tanque de água), *eleemosynarium* (bolsa onde se guardam esmolas), *forsarium* (caixa), *mortarium* (morteiro), *olearius* (galheteiro), *panarium* (cesta de pão), *pulletarius* (gaiola) e *salarium* (saleiro).

Em UTENSÍLIO, são encontradas as seguintes realizações: *antiphonarium* (livro que contém as antífonas), *arenarius* (ampulheta), *avalaria* (parte da ornamentação dos cavalos usados em cavalaria), *bancarium* (almofada), *bestiarium* (manual de zoologia), *ceroferarium* (castiçal), *dorsarium* (tapeçaria presa na parte de trás da cadeira), *lampadarius* (candelabro), *orationarius* (livro de oração), *septimanarius* (periódico litúrgico semanal), *stantarius* (luminária de chão) etc.

No grupo INSTRUMENTO, foram verificados os seguintes exemplos: *bocalarium* (escudo), *cucullarius* (rede de pesca), *dagarium* (punhal), *hastalarius* (espeto), *manuaria* (machado, enxada), *sarpellarium* (esfregão) etc. Entre os objetos de USO PESSOAL, estão *calcearium* (sapato), *lebitonarium* (cilício), *ocularium* (viseira de um capacete) e *sudarium* (mortalha que envolve as cabeças dos mortos); do subesquema MÁQUINA, as realizações são *balingarius* (navio de guerra), *cursarius* (corsário) e *trabaria* (barco feito de um tronco de árvore). Uma vez que não houve novidade de subesquema no esquema OBJETO, não se fez uma nova representação esquemática.

O esquema QUANTIDADE traz como novidade o subesquema EXCESSO. Por meio dele, instanciam-se construções que designam fenômenos ou formações naturais de caráter excessivo ou acumulado. Alguns autores preferem o termo FORMAÇÕES NATURAIS. Temendo a existência de outros tipos de excesso que não sejam de eventos da natureza, propôs-se a designação em um nível mais abstrato. Os cinco exemplos encontrados são *labinarium* (torrente), *marlaria* (pedreira de marga), *plastraria* (pedreira), *sabulonaria* (pedreira de areia) e *terrarium* (muralha de terra).

Em relação aos outros subesquemas que se mantiveram, em UNIDADE DE MEDIDA, as instanciações são *bunuarium* (medida agrária que valia 1 hectare e 40 ares), *praebendarium* (medida de capacidade usada para distribuições monásticas), *quadrarium* (medida agrária de área), *quartarium* (quarta parte do pão) e *rasaria* (medida de capacidade para cereais). Como QUANTIA, foram considerados: *agrarium* (taxa sobre terras recém-liberadas), *decimaria* (taxa de dízimo), *drudaria* (taxa paga à esposa de um senhor defensor da lei), *palmarium* (salário do advogado), *pascuarium* (taxa de pastejo) etc. O subesquema NOÇÃO COLETIVA, o mais produtivo dentre os quatro, tem como instanciações: *abecedarium* (abecedário), *collectarius* (coleção), *egredarium* (escadaria), *glossarium* (coleção de glosas), *herbarium* (herbário), *hymnarium* (hinário), *judearia* (aglomerado de pessoas judias), *legendarius* (coleção de biografias de santos), *troparium* (tropel), *vaccaria* (rebanho) etc.

Dada a novidade do subesquema EXCESSO, há a necessidade de uma nova representação esquemática de QUANTIDADE. Isso é feito na Figura 10, a seguir.

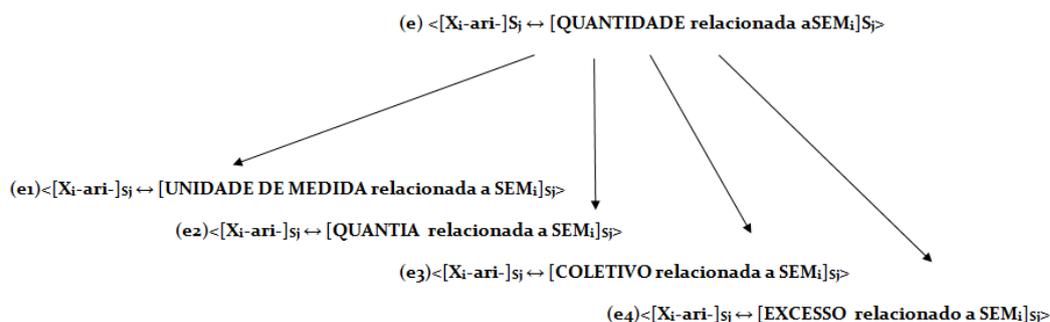


Figura 10: Esquema dominante de QUANTIDADE e os seus subesquemas no latim medieval (Fonte: Elaboração do autor)

O último esquema dominante X-ari-, o de ANOMALIA, continuou apresentando uma única instanciação. Dessa vez, a construção encontrada foi *quartanarius* (febre quartã).

Entre as palavras não analisadas, estão: *acciarium* (liga de aço), *adversarius* (o diabo), *advocaria* (advocacia eclesiástica), *aldionaria* (posse de um prédio), *ambasciaria* (missão diplomática), *brennarius* (cães de guarda), *burgaria* (roubo), *caballicaria* (passeio), *dextrarius* (corcel), *euangeliarium* (evangelho) etc. Feita essa descrição, a representação esquemática das construções X-ari- do latim medieval está apresentada na Figura 11, onde se veem esquemas, subesquemas e frequências no corpus.

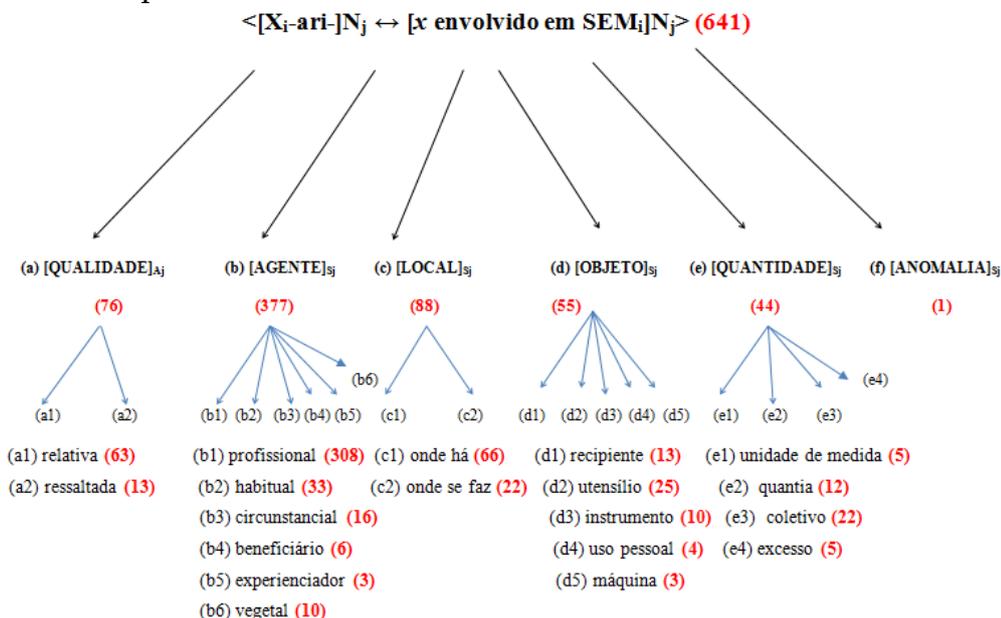


Figura 11: Representação esquemática das construções X-ari- no latim medieval (Fonte: Elaboração do autor)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito analisar a trajetória das construções X-ari- na língua latina, sobretudo no que diz respeito aos aspectos semânticos. Como modelo teórico, elegeu-se a MC. Feitas as análises dos dados do latim clássico e do latim medieval, pôde-se observar que não houve novidades na variedade medieval, em comparação à variedade clássica, no que toca aos esquemas dominantes. As novidades, portanto, estão relacionadas aos subesquemas.

Trabalhar com um corpus robusto do latim clássico foi fundamental para que não fossem feitas conclusões precipitadas acerca do funcionamento do esquema X-ari- naquele período. Trabalhos anteriores, como o de Simões Neto (2016) sugeriram que os significados de ANOMALIA, EXCESSO, AGENTE VEGETAL e OBJETO DE USO PESSOAL não existiam nessa variedade da língua latina, sendo, portanto, novidades de línguas românicas. Com a base de dados aqui utilizada, viu-se que ANOMALIA e OBJETO DE USO PESSOAL já estavam no latim clássico.

A inclusão da variedade medieval permitiu que se vissem os significados de EXCESSO e AGENTE VEGETAL ainda na língua latina. Sobre o último subesquema, cabe mencionar que o fato de haver, no latim medieval e também em línguas românicas, a ocorrência de designações para árvores e arbustos, a partir de esquemas desenvolvidos de X-ari-, sugere que esse subesquema já estava no latim vulgar, uma vez que as línguas românicas se desenvolveram dessa variedade, e o latim medieval assimilou algumas de suas características. Trabalhar com a língua latina medieval, portanto, possibilitou o acesso a algumas longínquas pistas do funcionamento das formas vulgares do latim.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- COELHO, Juliana Soledade Barbosa. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X – EIR]_N] no português arcaico. *Diadorim*, número especial, p. 83-111, 2013.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 6 tir. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Victório. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

MARINHO, Marco Antonio Ferreira. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. 2004. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.

NIERMEYER, Jan Frederik. *Mediae Latinatis Lexicon Minus*. Leiden: E.J. Brill, 1976.

PORTO EDITORA. *Dicionário Latim-Português*. 4 ed. Porto: Porto Editora, 2012.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo "tomar" ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. 292 f. Tese de Doutorado em Letras, área de Linguística Histórica. Universidade Federal da Bahia.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Uma aplicação da Morfologia Construcional para a língua latina: o caso das construções X-ariu. *Linguística y Literatura*, v. 1, n. 72, pp. 30-53, jul. 2017a.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de Lingu@gem*. Uberlândia, v. 11, n. 3, 2017b.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2. t.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

VIARO, Mário Eduardo. *A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica*. 2011. 220 f. Tese de Livre-docência para o Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, área de Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo.

VIARO, M. E. A especialização do sufixo latino -arium. In: MARÇALO, M. J.; LIMA-HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A.. (Orgs.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010, p. 22-42.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WHITE, John Tahourdin. *Latin Suffixes*. London: Longmans, Green & Co, 1858.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 05 de junho de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de setembro de 2018.